

folhetos sobre monstros na literatura de cordel portuguesa *

ANA MARGARIDA RAMOS
Universidade de Aveiro

A literatura de cordel em Portugal compreende um vasto *corpus* de textos, publicados ao longo de vários séculos, sob os mais diversos temas e em todos os modos literários. Integra, ainda, publicações que, não sendo consideradas literatura, como é o caso dos almanaques ou dos calendários, respondem a necessidades várias dos leitores, sendo as mais evidentes as da informação e do divertimento. É pacífico entre praticamente todos aqueles¹ que dedicaram alguma investigação a esta matéria, a noção de que a designação de “literatura de cordel”, à semelhança de outras designações² utilizadas para rotular fenómenos semelhantes em vários países e várias línguas, não corresponde a uma catalogação de género ou de conteúdo, uma vez que diz respeito a um elemento externo aos textos e tem a ver com a forma de exposição e venda das publicações, presas a cordéis ou guitas, ou “a cavalo num barbante”. Independentemente da pertinência e da adequação da designação, está hoje fora de causa a adopção de qualquer outra forma de etiquetagem substituta e a validade desta é até visível na sua adopção no Brasil, ainda que por empréstimo, uma vez que aí tanto qualifica textos impressos como poesia oral, independentemente da forma de exibição.

Do ponto de vista formal, também parece haver um consenso mais ou menos abrangente, nomeadamente quanto aos formatos e às dimensões, à fraca qualidade do papel e da impressão, ao número de páginas e à presença mais ou menos frequente de ilustrações. As temáti-

*El Comité de Redacción agradece a la profesora Elizabete Aparecida Marques la revisión de este artículo.

1 Ver, entre outros, Albino Forjaz Sampaio (1920: 9), Fernando de Castro Pires de Lima (1969: 111), Arnaldo Saraiva (1975: 116) e Manuel Simões (1976: 209).

2 Em Espanha são *pliegos sueltos*, na Catalunha *plecs*, em Inglaterra são *chapbooks* e em França, dentro da *littérature de colportage*, tem especial afinidade com a edição de cordel portuguesa a *Bibliothèque bleue*.

cas, por seu turno, abarcam uma variedade de assuntos e subdividem-se de forma impressionante. Contudo, os folhetos de maior sucesso (visível no número considerável de textos publicados) giram em torno de questões religiosas (vidas de santos e relatos de milagres, às vezes com a função de ex-votos), de assuntos históricos (notícias de batalhas, de viagens, nascimentos e mortes de figuras importantes da corte, etc.), de crítica social, além de textos sobre os mais diversos tipos de heróis (e até de anti-heróis). São ainda frequentes os textos que tratam de assuntos relativos ao cotidiano, ocupando o lugar que a imprensa periódica acabará por reivindicar, onde se inserem narrações sobre crimes e respectivos castigos, sobre fenômenos e catástrofes naturais, sobre acontecimentos insólitos e extraordinários. Frequentemente intitulados “relações” e adjetivados de “verdadeiros”, “novos” e “curiosos”, os folhetos relativos a assuntos fora do comum surgem com uma frequência elevada e suscitam reflexão sobre a sua situação no universo da literatura de cordel, uma vez que se aproximam de textos de índole factual / verídica (com semelhanças com os jornalísticos), mas relatam sucessos “extraordinários”, “raros” e “formidáveis”, aproximando-se, por isso, da literatura de tipo maravilhoso.

É este, em concreto, o caso dos folhetos em estudo, posto que tratam da temática do monstruoso atribuindo-lhe uma existência concreta e, aparentemente, “real”. São elementos reforçadores dessa “factualidade” a localização espaço-temporal dos fenômenos, a apresentação de testemunhos oculares, a referência a pormenores e a factos muito concretos como as medidas e dimensões dos monstros, a presença de imagens contendo o seu “retrato fidedigno” e a preferência pela estrutura epistolar, além das insistências reiteradas na veracidade da narrativa em questão. A hesitação na filiação destes textos levanta questões sobre a forma como seriam lidos e interpretados pelos leitores contemporâneos da sua edição. Referindo-se ao caso dos *chapbooks* ingleses, Gilles Duval também coloca uma questão semelhante: “*les prodiges des 'chapbooks' ont-ils seulement une fonction morale ou poétique? Sont-ils crédibles?*” (Duval, 1991: 348). A resposta, acreditamos, não poderá ser unívoca, já que os folhetos de cordel seriam lidos de diferentes formas por públicos diversificados que procurariam neles informação e diversão, além da satisfação de um gosto intemporal pelo “horror”...

A monstrosidade, nas suas mais diversas formas, é uma das temáticas mais antigas e mais reiteradas da história da Humanidade e da cultura e encontra-se representada em diversas manifestações artísticas, como a pintura, a escultura, a arquitectura e o cinema. Os monstros, desde há séculos, asseguram ao Homem uma estabilidade que, ao contrário do que se poderia pensar, resulta da demarcação das fronteiras da sua própria humanidade. Estes são frequentemente encarados pelos pensadores³ como uma criação humana, representando (simbolizando) de alguma forma, a violação das leis, o perigo, a ameaça, o irracional e o não dominável, sendo o monstro, por isso, uma projecção fantástica de todos e cada um destes conceitos, acalmando as angústias que dominam os homens. Assim, sabe-se que os monstros sempre inspiraram um intenso fascínio à espécie humana, que vê neles uma baliza dos seus limites, na medida em que permitem ao homem aceitar e confiar na sua normalidade. Os simbolismos do monstro são os mais variados e, em alguns casos, podem ser mesmo contraditórios entre si. Os monstros encarnam, pois, receios e vários desejos e são sempre lugar para a reflexão dos limites do “normal”, para o questionamento do lugar do Homem num Universo desconhecido, repleto de bestas medonhas. Transferidos para os seres monstruosos, os medos do indivíduo ou da colectividade objectivizam-se, tornam-se “reais” e podem ser combatidos e vencidos por força da inteligência e da astúcia, quando não da força. Deste modo, o Homem reivindica também o seu lugar de primazia no mundo, afirmando a superioridade da sua espécie e aquilo que a define como tal, numa posição que, nos dias de hoje, já é alvo de inúmeras críticas.

Os monstros dos folhetos de cordel são, no fim de contas, os nossos monstros do quotidiano, numa tradição cultural longínqua que se habituou a associar a estes fenómenos os obstáculos e as dificuldades que o herói tem de enfrentar e vencer na sua demanda de glória e de imortalidade. Estes monstros têm em comum o facto de se afirmarem como elementos excessivos, ultrapassando, quase todos, pela abundância, os limites dos seres: nas dimensões, na ferocidade e nas actividades que desenvolvem.

³ Ver as reflexões realizadas por Gilbert Lascault (1973), Umberto Eco (1991), Francis Dubost (1991), José Gil (1994) e Massimo Izzi (1996), entre outras.

Do ponto de vista formal, os folhetos sobre monstros caracterizam-se também por uma certa unidade, visível no número limitado de páginas (a maioria das publicações tem oito páginas), na impressão utilizando caracteres móveis, na distribuição do texto e respectiva mancha gráfica. Elementos de codificação relativa são ainda os que dizem respeito à página de capa ou portada, incluindo o título, a autoria, a oficina de impressão, a cidade e a data. No final do folheto surgem igualmente, com grande frequência, as informações relativas às licenças de impressão e comercialização, nomeadamente as do Santo Ofício, do Ordinário e do Paço, como ilustra um dos textos que apresentamos.

Os títulos dos folhetos de cordel necessitam, pelo seu grau de informação e de complexidade, de uma análise tão exaustiva quanto possível. A decomposição de alguns exemplos permite concluir acerca da informação mais constantemente veiculada: a natureza do texto que o folheto dá a público; a qualificação, geralmente sob a forma de um ou dois adjectivos, desse mesmo texto; a identificação do assunto de que trata; a qualificação reiterada desse mesmo assunto, novamente pela utilização da adjectivação, agora mais intensa e com mais variedade (ainda que sempre dentro de certos limites); a localização espacial e, finalmente, a localização temporal. Outras informações veiculadas pelos títulos, de frequência menos acentuada, são as relativas à origem da narrativa, às vezes incluindo a sua forma inicial, como é o caso da “carta”; seguindo-se, igualmente, o processo ou o circuito que esse texto realizou, incluindo que se trata de uma tradução, por exemplo, ou, no caso das cartas, quem a escreveu e com que destinatário. As referências à presença da imagem também surgem em alguns textos e podem ser entendidas, principalmente, como elementos cuja funcionalidade tem a ver com a vontade de publicitar o folheto, atraindo as atenções e a curiosidade do público para a sua componente visual, que completa e esclarece o alcance da mensagem escrita. Os títulos dos folhetos de cordel, em particular os do século XVIII, são consideravelmente longos e exaustivos, contrastando, muitas vezes, com a brevidade da narrativa propriamente dita, que pouco mais adianta em relação ao que já tinha antecipado nesses grandes sumários iniciais. A sua disposição na capa ou primeira página do folheto obedece também a um esquema pré-definido, caracterizado, principalmente, pela opção em centralizar o título, o uso de maiúsculas, itálicos e negritos e a

combinação com caracteres de diferentes tamanhos. Mas, para além dos aspectos gráficos e visuais ligados ao título (extraordinariamente importantes, uma vez que seriam eles os responsáveis por “capturar” a atenção do leitor), é também preciso analisar os aspectos semânticos que lhe são inerentes. Neste sentido, atentemos na “ficcionalidade” que muitas vezes o caracteriza e que pode, também ela, ser interpretada como estando ligada ao seu objectivo propagandístico. Assim, o crescimento que se foi verificando nos títulos dos folhetos de cordel, além de poder estar ligado às características do Barroco, conduz a uma complexificação deste elemento, ligada também a objectivos comerciais e à necessidade de apelar ao interesse do leitor / comprador. Desta forma, as razões que explicam o tamanho dos títulos e a inclusão de numerosos detalhes são de ordem sócio-económica. Ainda que nessa altura fossem, pelo menos teoricamente, desconhecidos os conceitos de propaganda, *marketing* ou publicidade, a necessidade de vender o produto dava lugar a uma exaustiva, por vezes exagerada, caracterização do mesmo.

Em síntese, cremos que a análise e a decomposição dos títulos permite concluir acerca do seu carácter codificado, mesmo quando se trata de títulos substancialmente longos. Essa codificação, com a presença de elementos obrigatórios, como a natureza do texto, o fenómeno descrito e outros contextualizadores (espaço e / ou tempo), não só aproxima os folhetos entre si, conferindo-lhes uma unidade, como permite o seu reconhecimento fácil por parte dos compradores. Assim, o título dos folhetos actua decisivamente na sua promoção comercial, submetendo-se à funcionalidade sensacionalista e apelativa. Estas questões revelam-se tanto mais importantes quanto contribuem para que o título ultrapasse a sua função inicial, de encabeçamento do texto, de preparador da leitura e de potencializador das expectativas do leitor.

A questão da autoria revela-se igualmente complexa. São muito frequentes os textos anónimos assim como os que surgem assinados sob a forma de pseudónimos ou iniciais não identificáveis. O recurso à pseudonímia, sob diversas formas, funciona como estratégia de reforço da veracidade do assunto narrado (uma vez que grande parte das acções se desenrolam, de facto, em países mais ou menos longínquos), ao mesmo tempo que assegura de forma eficaz a desresponsabilização do verdadeiro autor da narrativa.

É o que se verifica também quando a opção é a de apenas identificar o “tradutor” para a língua portuguesa de uma relação, notícia ou carta escrita e / ou publicada no estrangeiro. A identificação do tradutor, neste caso concreto, funciona simultaneamente, quer como estratégia de promoção da credibilidade do texto, que não surge inteiramente anónimo, quer como forma de desresponsabilização do autor da tradução, que se limita a “verter” para (o) português um texto cuja responsabilidade autoral não se pode ser imputada.

José Oliveira Barata aponta mesmo a anonimidade como uma característica, entre outras, identificadora da produção de cordel. Esta recorrência leva-o a questionar “se o anonimato ou o recurso constante ao pseudónimo obedeciam a uma cuidadosa e pensada vigilância inquisitorial” (Barata, 1991: 249) que dominou, culturalmente e não só, grande parte do século XVIII, acabando por concluir que a tese mais razoável para explicar a anonimidade generalizada acaba por ser o resultado de um hábito enraizado nos vários intervenientes na produção da literatura de cordel, até porque Oliveira Barata defende a tese da autoria culta da grande maioria dos textos dos folhetos de cordel, sobretudo os dramáticos, que exigiam tradução e adaptação para a Língua Portuguesa.

É sabido que, em geral, as ilustrações comportam funções simultaneamente informativas e comerciais, pelo seu elevado poder de sugestão e também de memorização. Não esqueçamos que, em muitos casos, funcionariam ainda como identificativas dos textos onde aparecem, como é o caso dos relatos sobre monstros, revelando-se particularmente importantes para os leitores cujo grau de alfabetização é inferior, sendo a imagem uma forma de reconhecimento do texto, pois cria expectativas e antecipa a sua leitura.

Maria José Moutinho dos Santos refere mesmo que as imagens se podiam revelar de “uma eficácia notável junto de um público escassamente alfabetizado” (Santos, 1987: 8), como parece ser legítimo considerar que era uma larga fatia do que consumia os folhetos de cordel. É, pois, evidente que a funcionalidade da imagem ultrapassa a simples clarificação do conteúdo ou mensagem do texto, acrescentando-lhe outras como a descritiva, a lúdica, e mesmo a simbólica, sem esquecer também a importância que talvez revele na atracção do leitor / consumidor, ao

mesmo tempo que permite a identificação⁴ imediata do tema tratado, já que é o primeiro signo a ser alvo de descodificação, devendo, tanto quanto possível, apresentar o máximo de informação pertinente. No caso dos folhetos sobre monstros, a funcionalidade da imagem é suficientemente relevante para lhe ser feita referência no próprio título da publicação. Explicitando o monstruoso, permite uma visualização e concretização dos fenómenos descritos. Na maior parte dos casos, os retratos dos monstros que acompanham os relatos, até pela limitação “artística” ou “estética” que os caracteriza, traçam imagens mais cómicas (até pela frequência das formas compósitas) do que trágicas. Apesar da qualidade variável das diferentes ilustrações que acompanham os folhetos sobre monstros, é possível concluir acerca do seu carácter popular, uma vez não está presente a representação correcta do sistema perspéctico. Em termos globais, as ilustrações relativas a estes fenómenos monstruosos obedecem a algumas regras chave, principalmente no que diz respeito à opção por representações frontais, a ausência de visão perspéctica, a proximidade à técnica da xilogravura, o uso frequente do sinal gráfico para simulação de texturas e, em alguns casos, a representação próxima da taxonómica. Os outros elementos decorativos também se apresentam padronizados e apresentam grandes semelhanças com os utilizados em textos eruditos e canónicos, incluindo com frequência elevada a decoração de capitais, a presença de símbolos, emblemas, frisos e ornatos vários mais ou menos tipificados, de acordo com as orientações estéticas do momento e, principalmente, com os fundos mais ou menos variados das oficinas de impressão da altura.

⁴ Confrontar com: “A capa ou a primeira página, que desempenha muitas vezes a função de cobertura, anunciam um relato de acções em termos muito marcados pela apoteose do protagonista ou pela repulsa suscitada por eventos, figuras humanas ou seres extraordinários como estranhos monstros. Se o objectivo fundamental –publicitário, comercial– é influenciar o leitor ou o comprador potencial, torna-se evidente que tipógrafos e editores-impressores pretendem atingir com as suas gravuras um impacto visual significativo junto do público; impacto que deve ser reforçado pelos vendedores através do anúncio sonoro dos títulos, susceptível de desencadear nos eventuais clientes uma recepção auditiva muito positiva” (Nogueira, 2003: 21).

A presença de um conjunto de elementos temáticos e estruturais reiterados nos vários textos relativos à monstrosidade conduz a uma reflexão sobre a possibilidade da existência de uma matriz comum a todos eles, que, a nosso ver, residirá nas influências dos roteiros ou crônicas medievais de viagens ao Oriente (ou fabulosas) onde se descreviam as maravilhas aí existentes, na leitura dos bestiários, assim como em relatos de viagens realizadas ou imaginárias (um pouco à semelhança do que acontece com os relatos de naufrágios da literatura portuguesa dos séculos XVI e XVII), para além de textos de natureza “científica”. Desta uniformidade decorrerá igualmente a identificação de um modelo narrativo partilhado pelos vários textos que permita caracterizá-los como pertencentes a uma determinada “família” de folhetos de cordel em prosa, publicados e lidos em Portugal no século XVIII, estabelecendo, a partir daí, linhas de união entre este tipo específico de folhetos e outras categorias de folhetos de cordel. Este modelo prevê a existência de várias etapas (umas mais codificadas que outras), de importância variável e de presença não obrigatória, sendo as mais relevantes (1) a introdução; (2) a localização espaço-temporal; (3) o fenómeno monstruoso e a respectiva acção; (4) a descrição pormenorizada do monstro; e (5) a conclusão do folheto.

São elementos recorrentes, por exemplo, a contextualização do fenómeno como fazendo parte da diversidade da Natureza, as referências a autores e textos que trataram estas questões, como é o caso das alusões insistentes a Plínio, o Velho, a descrição dos ataques cruéis e devastadores dos monstros e das várias tentativas falhadas dos homens para o capturarem, facto decorrente da sua aparente invulnerabilidade, além das interpretações simbólicas do seu aparecimento. Claramente codificadas surgem ainda os elementos que compõem o retrato dos monstros, insistindo, simultaneamente, na preferência por formas compósitas, na cobertura por conchas ou escamas duríssimas e resistentes às armas, e na indefinição e novidade da espécie em questão. A descrição exaustiva e pormenorizada dos monstros revela-se, pois, uma fase chave do desenvolvimento do texto, surgindo frequentemente perto do seu encerramento, numa altura em que já foram mortos ou capturados. Trata-se, acreditamos, de uma opção consciente em manter praticamente até ao final a expectativa do leitor quanto à “qualidade” do monstro em questão, sendo o processo de revelação lento e gradual.

O carácter estereotipado dos folhetos em estudo tem consequências óbvias ao nível da leitura que deles é feita. Em primeiro lugar, permite o estabelecimento de afinidades com textos de temática próxima, configurando uma produção de carácter homogéneo, que pode mesmo constituir um ciclo temático ou uma família de textos no universo da edição de cordel.

Além disso, a criação de redes de proximidade, em parte resultantes da redundância e da repetição, facilita o reconhecimento por parte dos compradores, instituindo preferências e hábitos de aquisição e leitura deste tipo particular de folhetos, imediatamente identificados pelas referências aos fenómenos monstruosos feitas nos títulos (e frequentemente apregoados em voz alta) ou presentes nas imagens. Estas formas de publicitação, associadas à leitura comunitária e em voz alta, fazem com que eles possam ser (re)conhecidos por “leitores” analfabetos. A cristalização de estratégias retóricas também está patente no nível do vocabulário seleccionado, do recurso a fórmulas fixas, como os epítetos, assim como do estilo discursivo, onde a adição é frequente, visível, por exemplo na enumeração e na adjectivação múltipla. Fortemente codificados, muitas vezes redundantes, são ainda os extensos títulos dos folhetos, insistindo em elementos como a natureza do texto e a sua qualificação, a identificação e adjectivação do assunto, a localização espaço-temporal, além de outras referências como a autoria, a imagem, a origem e o circuito percorrido pela informação.

No que diz respeito ao desenvolvimento temático dos textos, observe-se a preferência pela narração de factos concretos, que ilustram uma determinada teoria, em vez da sua apresentação em abstracto. Evidente, no caso dos textos sobre monstros, é o relevo atribuído a temáticas relacionadas com a luta e a violência, às vezes entrando em inúmeros pormenores sobre práticas militares, na esteira do que Ong (1982) refere como discurso agónico,⁵ na medida em que encontramos um tópico tra-

⁵ Paul Zumthor refere-se claramente à epopeia como entrado neste tipo de discurso quando a define como “*récit d’action, concentrant en celle-ci ses effets de sens, économe d’ornements annexes, l’épopée met en scène l’agressivité virile au service de quelque grande entreprise. Fondamentalement, elle narre un combat et dégage, parmi ses protagonistes, une figure hors du commun qui,*

dicional das narrativas orais, onde o ser humano, dotado de características mais ou menos heróicas, como a coragem, a esperteza e a iniciativa, enfrenta um inimigo bestial, fisicamente superior a ele, que só derrotará pela inteligência e / ou pela astúcia (esperteza). A luta do Homem contra a Fera (ou o monstro) permite a definição daquilo que é a afirmação da identidade humana por oposição à força brutal do animal, favorecendo, neste caso concreto, uma aproximação aos textos de cariz épico, uma vez que é ao herói que cabe o papel de afirmação e de defesa da comunidade e da própria espécie.

O uso de esquemas predefinidos de organização e sequenciação da narrativa favorece o reconhecimento de um determinado tipo de textos que só vêm alterada a sua estrutura de superfície, em elementos como a localização espaço-temporal, mantendo-se o cerne da intriga praticamente inalterável. Esta estratégia pode ainda ser alvo de uma exploração mais elaborada com o recurso às publicações em série, numa antecipação da estrutura folhetinesca, na medida em que a história apresentada num determinado folheto é alvo de continuação num outro, fruto do sucesso obtido ou da vontade do editor em manter os leitores presos àquele acontecimento.

Também é visível uma construção de tipo maniqueísta, que se orienta em torno de oposições elementares entre o Bem e o Mal, o crente e o infiel, a vida e a morte, a Besta e o Homem, a força e a razão (inteligência e / ou astúcia)... A temática de índole sensacionalista, a insistência em elementos como as atrocidades cometidas pelos monstros, a sua grandeza desmedida e a sua crueldade, além de elementos recorrentes na própria construção dos retratos codificados das feras e monstros, permitem facilmente compreender os claros objectivos comerciais e económicos destes textos, alvo, até, de críticas explícitas nos folhetos e de

pour ne pas sortir toujours vainqueur de l'épreuve, n'en suscite pas moins l'admiration" (Zumthor, 1983: 105). Também não é por acaso, no entender deste autor, que o género particular da epopeia encontra maior receptividade em zonas tidas como fronteiriças, "où règne une hostilité prolongée entre deux races, deux cultures, dont aucune ne domine évidemment l'autre" (Zumthor, 1983: 110), o que o leva a concluir que "le chant épique cristallise l'hostilité et compense l'incertitude de la compétition" (Zumthor, 1983: 110).

uma insistência quase obsessiva no tópico retórico da verdade da matéria narrada.

Os folhetos retratam esta realidade, denunciando, através da crítica, da sátira e até da paródia, os interesses estritamente comerciais das edições que se apresentavam como factuais, ludibriando os leitores ingénuos:

Pois, senhor, tornou o velho, aproveite-se das suas prendas, e manifeste-as em qualquer esquina; porque thesouro escondido não serve de nada: componha o seu papellino, e mande-o dar ao prelo, e tenha por certo, que hade ter gasto em Coimbra, e nos cegos de Lisboa, aonde continuamente se estão imprimindo Relaçoes de Bichos, e Peixes, que apareceram lá muito longe da Noroega; outras vezes batalhas da China, e Pérsia, ou Trapizonda: e agora modernamente uma notícia de um Cavalinho, que só lhe falta fallar; e ainda que se conheça ser mentira clara, sempre se vai mercado para mandar aos amigos; porque quem quer conservar correspondências, anda esquadrinhando novidades, para não ir a carta vazia com um cumprimento rapado. [...] Não tema censuras de mau estylo, ou outro qualquer erro, de que o culparem, porque de murmurações em ausência ninguém deve fazer caso; e além disto, quando eles criticam, já o papel está mercado, e agarrado o vintém, e então pouco importam os ralhos.⁶

Estes aspectos são visíveis em vários folhetos publicados em Portugal no século XVIII. Para a realização de uma tese de Doutoramento, em fase final de redacção, encontrámos nas principais colecções portuguesas que integram textos narrativos – Arquivo Nacional da Torre do Tombo em Lisboa, Biblioteca Nacional Portuguesa e na colecção de Miscelâneas da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – um conjunto de 31 folhetos que tratam especificamente a temática do monstruoso. Este *corpus*, que deu origem a algumas das conclusões que já apresentámos, compreende tanto textos que relatam o aparecimento de

⁶ in *MONSTRUOSO PARTO / Da famosa Giganta de Coimbra, chamada Goliácia Trumba. / Curiosa Relação de hum grande e nunca visto Monstro, cuja informe figura / excede a ideia da mayor admiração. / Gazeta de Scholacia, Expulsão da RifaCoimbra. Oficina de António Simões Ferreira, 1741, [8 páginas].*

feras e / ou monstros no estrangeiro como em Portugal. É, inclusivamente, visível um predomínio dos textos relativos a acontecimentos ocorridos fora de Portugal e uma maior elaboração das características monstruosas aí presentes, resultado da maior liberdade do autor, uma vez que era difícil comprovar a veracidade das narrativas em causa, devido à distância e às dificuldades de comunicação. No caso concreto deste estudo, centrámo-nos em textos relatando ocorrências de monstruoso verificadas em Portugal. Assim, observe-se em *RELAÇAM/DE HUMA FORMIDÁVEL FERA, QUE SAHIO / da Montanha de Gerez junto à Villa de Monte-Alegre / na Província de Trás os Montes, no mez de Mayo / deste presente anno de 1734 e dos grandes / estragos, que tem cometido na gente, / e gados dos Lugares circun- / vizinhos. / ESCRITA POR MIGUEL HONORATO (1734)*, Lisboa Ocidental, Oficina Joaquiniana de Música de D. Bernardo Fernandes Gaio, a condensação da narrativa que, apesar da brevidade, segue um esquema próximo do tradicional, abrindo com uma introdução onde é estabelecida a diferença, quanto à fauna, entre Portugal e os outros países: “Entre as muitas felicidades, que goza o dilicioso Reyno de Portugal, he a de não criar nas suas montanhas as feras, que abundão em outras partes do Mundo, como são, Leoens, Tygres, Dragoens, Onças e Cocodrilos, Ursos”.

Segue-se a especificação de elementos espaciais e geográficos, com a localização da Serra do Gerês,⁷ a referência a elementos do relevo, da flora e fauna. O fenómeno em questão surge marcando a sua diferença em relação a todas as espécies conhecidas, sendo evidenciados os estragos que comete e a velocidade vertiginosa com que se desloca: “corre com tanta velocidade, e subtileza, que em breve tempo tem aparecido em muitas partes sem ser sentida, senão pelas crueldades que obra”.

A rapidez é, nestes folhetos sobre monstros e feras, um dos elementos codificados dos retratos, explicando, em certa medida, as dificuldades que os homens encontram na sua captura. A insistência na indefinição

⁷ Confrontar com: “Huma das montanhas mais levantadas, que tem este Reyno he a serra de Gerez que pela parte do Reyno de Galliza se dilata desde a Província do Minho até à de Trás os montes, cuberta de matos tão espessos, e cercada de rochedos tão desabridos, que se faz impenetrável em muitas partes”.

da espécie e a descrição pormenorizada de todas as suas partes são outros elementos frequentes neste tipo de narrativas:

segundo a sua forma; porque he muito comprido, o pescoço curto, a cabeça grande, os olhos grandes, e affogueados; a boca demaziadamente rasgada, guarnecida toda de dentes grandes, e pequenos, os quaes tras sempre à vista, o fucinho comprido, e orelhas pequenas, desde o alto da cabeça até à ponta da cauda tras levantado o cabelo, de cor cinzenta, pela barriga he avermelhado, os pés, e mãos têm bastantemente compridos cubertos dos mesmos cabelos do lombo, por entre os quaes mostra umas garras de Leão. Na occasião que investe a qualquer pessoa, ou animal dá tão fortes bramidos, que atemoriza a quantos a ouvem.

Observe-se, neste retrato, a opção por uma descrição pormenorizada e parcelar dos vários elementos anatómicos que constituem o animal em questão, com especial incidência para a cabeça e para o rosto, com especificação dos olhos, da boca, do focinho e das orelhas. Frequente é também o recurso à adjectivação, às vezes dupla, e à comparação que aqui não surge.

A possibilidade de continuação do folheto não é, contrariamente ao que acontece em muitos outros textos, anunciada, ficando apenas implícita. Observe-se, igualmente, a referência no texto à presença da imagem e o diálogo que este parece promover com os seus leitores, na medida em que se torna público o retrato para ver se alguém “pode conhecer a sua espécie”. Implícito fica também o objectivo da publicação na referência aos “[leitores] curiosos”, muito comum à grande maioria destes folhetos.

O folheto *RELAÇÃO / VERDADEIRA / DA ESPANTOSA / FERA, / QUE HÁ TEMPOS A ESTA PARTE / tem apparecido nas vizinhan- / ças de Chaves: / OS ESTRAGOS QUE TEM FEITO, / E diligências que se fazem para a apanharem: se- / gundo as notícias participadas por car- / tas de pessoas fidedignas da- / quela província.* (1760), Lisboa, Oficina de José Filipe [16 páginas] é o primeiro de uma “coleção” de três publicações sobre o mesmo “monstro”, o que revela já indícios de uma estrutura folhetinesca incipiente, a realçar os intuitos claramente comerciais deste tipo de edições.

Atente-se, neste caso, na insistência dos marcadores da factualidade, como a referência repetida ao facto de estarmos perante uma “Relação verdadeira”. Aliás, o título faz ainda referência às fontes da narrativa

–“segundo as notícias participadas por cartas de pessoas fidedignas daquela Província” – destacando a fidelidade dos testemunhos e a proximidade destes em relação aos acontecimentos.

Quanto ao texto propriamente dito, destaque-se carácter codificado da introdução, referindo-se à variedade da Natureza e a diferentes *habitats*:

Prodigiosa he a natureza na criação de seus indivíduos, assim terrestres como aquáticos, sendo tanta a sua variedade que por mais que os naturalistas se empenharaõ na sua descrição, foy esta matéria muito superior às suas forças: nós porém que habitamos em o jardim da Europa qual he na opinião de muitos a nossa Espanha, admiramos o que muito tem por natural.

A aparente segurança da região ibérica é desmentida pela presença da fera em questão, cuja origem parece ser inexplicável. São descritas as consequências das suas acções,⁸ todas negativas, e é destacada a sua ferocidade. Repare-se que o narrador não se limita a referir estas características de forma abstracta, mas prefere a enumeração de vários casos concretos, repetindo e reforçando as mesmas ideias. Esta é, na esteira da reflexão de W. Ong (1982), uma das especificidades do pensamento e da expressão nas culturas orais primárias, caracterizadas, entre outros aspectos, por uma abordagem situacional e não abstracta dos acontecimentos, uma vez que os conceitos são apresentados de forma operacional, em situações concretas. Quanto a outras características físicas, veja-se novamente a referência à velocidade⁹ fora do comum e à invulnerabilidade decorrente de uma cobertura de conchas:

⁸ Confrontar com: “tem causado em toda a Província damnos inconsideráveis, como são o ter feito victimas da sua ferocidade a quantos arrastra aos seus encontros a fortuna, sem que até ao presente possa valer humana diligência; arbitra-se o número das mortes a mais de cem, e todas ellas lamentáveis, por serem as mais do sexo feminino, ao princípio ficavaõ livres da sua ferocidade as pessoas adultas, ou fosse na Fera temor, ou displicência, agora porém a tudo investe com tanto furor, que não há pessoa a quem ao perto veja que de sua ferocidade fuja”.

⁹ Como já vimos no outro folheto, a velocidade é uma das características estáveis de muitas destas feras monstruosas. A comprová-lo vejam-se as re-

se vestio das armas possíveis um Cavalleiro com o intento de ter com ella uma rigorosa batalha, e ver se com huma lança lhe podia acertar por entre as conchas; sujeitando-se deste modo ao perigo das suas garras; porque como os tiros são de longe, e ela ao desfechar se cobre com os multiplicados escudos se livra das balas e as conchas de que he coberta por impenetráveis a livraõ.

Este é, sem dúvida, um dos elementos físicos mais comuns aos monstros descritos nos vários folhetos de cordel sobre esta matéria, funcionando como verdadeiro *cliché* de referência praticamente obrigatória. Também tipificadas, até porque marcadamente sensacionalistas, são as descrições das acções da fera, preferindo como vítimas crianças e mulheres, a quem gosta de “depois de mortas as pessoas chupar-lhe o sangue, e aberto com as garras o ventre comer-lhe as entranhas”. A narrativa ainda apresenta alguns elementos do discurso épico, nas tentativas heróicas, porque individuais, mas sem sucesso, de capturar o monstro. O desenvolvimento da intriga, em folhetos posteriores, evidenciará novas descrições de acções violentas e cruéis por parte da fera e das tentativas frustradas dos homens, gerindo o narrador as expectativas dos leitores até à solução positiva final.

Trata-se, no fim de contas, da sugestão de um conjunto de características que conotamos com práticas massificadas do fenómeno literário e que, do ponto de vista do conteúdo dos textos, incluem uma grande previsibilidade do desenvolvimento da narrativa, *clichés* abundantes, tipificação das personagens e do “herói” e preparação do final feliz, em resposta às expectativas do leitor, com o que Umberto Eco designa por “artifícios de consolação” (Eco, 1990: 21-22).

A análise que aqui apenas sugerimos caminha no sentido, então, de perceber estes folhetos, simultaneamente, como herdeiros e fiéis seguidores de práticas narrativas ancestrais (orais), revelando, igualmente, influências claras de estratégias editoriais ligadas à forte impulsão sentida na imprensa por esta altura, antecipando fórmulas de sucesso que caracterizarão o século XIX, como o romance-folhetim. Respondendo a

ferências que são feitas a este aspecto: “incrível velocidade”, “ou fosse que a Fera o evitou pela velocidade” e “ajudada da sua natural ligeireza”.

necessidades e a gostos atemporais por temáticas como a acção, a violência, a crueldade e a morte, mas também o heroísmo e a exaltação da acção humana, os folhetos, que muitos julgam destinados a camadas marginais, atraíram largas franjas de público, das mais variadas origens sociais, culturais e económicas, e influenciaram, inclusivamente, práticas literárias identificadas com o cânone.

Bibliografia citada

- BARATA, José Oliveira, 1991. *História do Teatro Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- DUBOST, Francis, 1991. *Aspects fantastiques de la littérature narrative médiévale (XIIème – XIIIème siècles). L'Autre, l'Ailleurs, l'Autrefois (tome II)*. Paris: Librairie Honoré Champion.
- DUVAL, Gilles, 1991. *Littérature de Colportage et imaginaire collectif en Angleterre à l'époque des Dicey (1720 – v. 1800)*. Burdeos: Presses Universitaires de Bordeaux.
- ECO, Umberto, 1990. *O Super Homem das Massas*. Lisboa: Difel.
- _____, 1991. *Apocalípticos e Integrados*. Lisboa: Difel.
- GIL, José, 1994. *Monstros*. Lisboa: Quetzal Editores.
- IZZI, Máximo, 1996. *Diccionario ilustrado de los monstruos (ángeles, diablos, ogros, dragones, sirenas y otras criaturas del imaginario)*. Palma de Mallorca: José J. de Olañeta Editor.
- LASCAULT, Gilbert, 1973. *Le Monstre dans l'Art Occidental – un problème esthétique*. Paris: Klincksieck.
- LIMA, Fernando de Castro Pires de, 1969. "Literatura de Cordel". En *Ensaios Etnográficos*. Lisboa: Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho / Gabinete de Etnografia, II, 111-134.
- NOGUEIRA, Carlos, 2003. *Literatura de Cordel Portuguesa: história, teoria e interpretação*. Lisboa: Apenas Livros.
- ONG, Walter, 1982. *Orality and Literacy: the Technologizing of the Word*. Londres / Nueva York: Routledge.
- SAMPAIO, Albino Forjaz, 1920. *Teatro de Cordel – Subsídios para a História do Teatro Português*. Lisboa: Imprensa Nacional.

SANTOS, Maria José Moutinho, 1987. *O folheto de cordel: mulher, família e sociedade no Portugal do século XVIII (1750-1800)*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

SARAIVA, Arnaldo, 1975. *Literatura Marginal izada*. Porto: Edição do autor.

SIMÕES, Manuel, 1976. "Textos de Cordel da Biblioteca Nacional de Florença". En *Estudos Italianos em Portugal* nº 38 / 39. Lisboa: Istituto Italiano di Cultura in Portogallo.

ZUMTHOR, Paul, 1983. *Introduction à la poésie orale*. Paris: Éditions du Seuil.

*

Ramos, Ana Margarita. "Folhetos sobre monstros na literatura de cordel portuguesa". *Revista de Literaturas Populares* V-2 (2005): 332-.

Resumo: Este texto reflecte sobre a edição, circulação e leitura de folhetos de cordel em prosa sobre monstros, publicados em Portugal no século XVIII. Analisa a temática da monstruosidade e o seu tratamento macro-textual, assim como elementos da sua configuração formal e gráfica.

Abstract: *The purpose of this paper is to reflect upon the publishing and the reception of the 18th century Portuguese "chapbooks" about monsters. Besides the presentation of some reading guidelines for this "chapbooks", the formal and graphic configuration of monsters will also be an issue of discussion.*